

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação Básica

Mestrado em Educação Pré-Escolar

RELATÓRIO FINAL

Aprendendo com as crianças de 3 anos

Maria João Neves Ventinhas Rosa

Coimbra, 2015

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que me acompanharam e motivaram durante todo este percurso académico, percurso este que nem sempre foi fácil.

Ao Francisco, meu amor incondicional que se não fosse ele e a sua motivação constante eu tenho a certeza que não conseguiria chegar onde cheguei.

À minha mãe querida que estava desejosa de me ver formada e que infelizmente não lhe consegui dar essa alegria a tempo, mas acredito que em algum lugar ela está a olhar para mim profundamente orgulhosa.

Ao meu pai que todos os dias me ofereceu ajuda para concluir este relatório tal era a impaciência de me ver tomar o meu próprio rumo na vida.

À minha colega de estágio Salette Quintas por todos os momentos e experiências partilhadas durante todo este percurso.

A todas as profissionais do meu local de estágio que me fizeram sentir em casa desde o primeiro dia.

Às minha amigas da Figueira da Foz e de Coimbra por me ouvirem e aconselharem constantemente.

E por fim mas não menos importantes, às minha professoras de Prática Educativa que com a sua sabedoria e os seus ensinamentos me fizeram apaixonar cada vez mais por esta profissão.

A todos/as um grande Bem-Haja.

Resumo: O principal objetivo deste relatório foi a observação e participação em todo o processo profissional que envolveu o acompanhamento de um grupo de crianças na faixa etária dos três anos de idade, com características diferenciais entre si, tendo este relatório, no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa, a finalidade de descrever todo este o meu percurso.

Tive igualmente a oportunidade de além da caracterização teórica da instituição, elaborar uma caracterização assente na prática acerca do grupo e de toda a dinâmica das salas destinadas às atividades levadas a cabo pela educadora cooperante. Essa dinâmica foi de tal forma envolvente que me permitiu vivenciar e alargar o meu conhecimento em volta das cinco experiências-chave relacionadas com a educação pré-escolar, nomeadamente o trabalho de projeto, o desenvolvimento físico na educação de infância, a importância da leitura de histórias, a importância do brincar e por fim um exercício de investigação realizado com as crianças que teve como base a Abordagem de Mosaico.

A participação permitiu-me conhecer ao pormenor a realidade do ambiente e de todo o processo educativo que envolve o trabalho com crianças dos três anos. Realço que conheci e acompanhei pessoas nas quais identifiquei um elevado profissionalismo, e que me marcou, contribuindo certamente para que no futuro me possa tornar uma profissional de grande competência.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; Crianças; Investigação; Relatório Final

Abstract: The main goal of this stage was the observation and participation in each professional process which involved monitoring a group of children aged about three years old, with different characteristics, therefore this report, under the Course of Educational Practice, has the purpose of describe all my work in this sense.

Beyond the theoretical characterization of the institution, I had also the opportunity to prepare a characterization based on the practice of the group and the whole dynamic of the rooms intended for activities carried out by the cooperative educator. This dynamic was such engaging that allowed me to experience and expand my knowledge around the five key experiments related to preschool education, including design work, physical development in childhood education, the importance of reading stories, the importance of play and finally a research exercise conducted with children based on the Mosaic Approach.

Participation allowed me to know in detail the reality of the environment and of the whole educational process that involves working with children from three years. I stress that I met and followed people with high professionalism index, and that marked me, certainly contributing so that I can become a professional of great competence in the future.

Keywords: Preschool education; Children; Research; Final report

Sumário

Introdução	1
Parte I- O Contexto Institucional	5
1.Local de estágio /caraterização do Contexto educativo.....	7
1.1. Recursos Humanos.....	7
1.2. Caraterização do grupo de estágio.....	8
1.3. Rotina Diária.....	9
1.4. Organização do Espaço e do Tempo.....	11
1.5. Relação entre pais e Jardim-de-Infância.....	12
1.6. O Modelo Pedagógico- High-Scope.....	13
Parte II- Vivenciando Experiências-Chave.....	15
1. Trabalho de Projeto.....	17
1.1. Implementação e desenvolvimento de um Projeto Pedagógico.....	17
1.2. O Projeto: O Espaço exterior: Reciclar, Recriar e Transformar.....	17
2. Desenvolvimento Físico na Educação de Infância.....	23
2.1. Capacidades de Motricidade Global.....	24
2.2. Capacidades de Motricidade Grossa e Locomoção.....	25
2.3. Capacidades de Motricidade Fina.....	25
2.4. Um ambiente adequado.....	25
2.5. Atividades de expressão física e motora-Educação Física.....	26
3. A importância da leitura de Histórias na Educação Pré-Escolar.....	27

4. A importância do Brincar na Educação Pré-Escolar.....	31
5. “Abordagem de Mosaico”.....	34
5.1. O que dizem as crianças sobre o Jardim-de-Infância.....	34
5.2. Tratamento de dados.....	39
5.3. Conclusões.....	42
Considerações Finais	43
Bibliografia	47
Apêndices.....	51

Abreviaturas

ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar

Índice de quadros

Quadro 1- Categorização dos dados fornecidos pelo João e pela Maria

Quadro 2- Categorização dos dados fornecidos pela mãe do João e pela mãe da Maria.

Quadro 3- Categorização dos dados fornecidos pela Educadora acerca do João e da Maria.

Quadro 4- Categorização dos dados fornecidos pela Auxiliar acerca do João e da Maria

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa inserida no Mestrado de Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo como orientadora a professora doutora Vera do Vale.

O objetivo deste documento é refletir e ao mesmo tempo relatar as experiências de maior relevância vividas por mim em contexto de estágio ao longo de 6 meses com crianças de 3 anos de idade.

Este relatório está dividido em duas partes distintas. A primeira parte é constituída pela caracterização do ambiente educativo onde foi realizado o estágio curricular e a segunda parte é destinada à reflexão e descrição das cinco experiências-chave, experiências estas que considero as mais relevantes para a minha formação enquanto futura educadora de infância. Uma destas cinco experiências-chave contém uma dimensão investigativa que analisa as práticas desenvolvidas no ambiente educativo centrado na metodologia “ Abordagem de Mosaico”.

A educadora cooperante foi uma peça fundamental durante toda a minha formação, acompanhando e orientando sempre todas as atividades.

Durante todo o meu percurso como estagiária tive como base as Orientações Curriculares (OCEPE) pois estas acentuam a importância de uma pedagogia estruturada. A educação pré-escolar é uma etapa decisiva na vida de uma criança, pois é onde a grande maioria começa a desenvolver as suas primeiras aprendizagens e é aqui que os educadores têm de desenvolver estratégias de aprendizagem para que cada uma delas consiga estruturar da melhor maneira possível as suas ideias e o seu pensamento criando assim situações de sucesso. Para que isto seja possível as OCEPE vão ajudar o educador a planear o seu trabalho. Os educadores devem incentivar uma atitude positiva face às aprendizagens, promovendo-as de uma forma lúdica, criativa, dinâmica e motivante, aumentando a curiosidade e o gosto de aprender.

PARTE I - O Contexto Institucional

1. O Local de Estágio / Caracterização do Contexto Educativo

A instituição onde decorreu o estágio caracteriza-se na qualidade de instituição de utilidade pública e situa-se em Coimbra.

No que confere à caracterização física do espaço, o jardim-de-infância encontra-se dividido internamente em três salas vocacionadas para a realização de atividades, denominando-se as mesmas por “sala dos cantinhos”, “sala das cores” e “salão”.

Aparte das salas específicas de atividades, o espaço é ainda constituído por um refeitório, um escritório para educadoras e duas instalações sanitárias, uma para as crianças e outra para os adultos.

No que toca à caracterização do espaço exterior, este é de grandes dimensões. É composto pelo “parque dos baloiços”, e por um outro local na parte traseira do edifício, um local mais recatado, onde está situado um coreto.

1.1- Recursos Humanos

O corpo docente da instituição totaliza na sua constituição três educadoras, quatro auxiliares de educação, uma auxiliar de limpeza, e uma auxiliar de copa.

O serviço prestado é de qualidade e competência, estando cada uma das educadoras com cada grupo de crianças, acompanhadas das respetivas auxiliares de educação. A auxiliar de copa está sempre presente nas horas de refeição.

De referenciar ainda que na sua valência de jardim-de-infância, a instituição possui sessenta crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade.

1.2- Caracterização do grupo de estágio

O grupo de crianças em que incidiu o estágio foi o grupo referente à faixa etária dos três anos de idade. Especificamente constituíam o mesmo, onze crianças do sexo masculino e nove do sexo feminino, totalizando vinte crianças. De realçar que este grupo apresentava também uma grande variedade cultural e religiosa.

A fase de observação foi uma fase de extrema importância para conhecer o ambiente educativo, cada uma das crianças e as suas principais necessidades. “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o contexto em que vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.” (Ministério da Educação, 1997, p.25).

Em variadas situações todo o grupo de trabalho teve de se adaptar às necessidades e crenças destas crianças. “... A aceitação da diferença sexual, social e étnica é facilitadora da igualdade de oportunidades num processo educativo que respeita diferentes maneiras de ser e de saber para dar sentido à aquisição de novos saberes e culturas. É numa perspetiva de educação multicultural que se constrói uma maior igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, entre indivíduos de diferentes classes sociais e diferentes etnias” (Ministério da Educação, 1997, p.55).

Relativamente às capacidades motoras, nenhuma das crianças apresentava dificuldades. Conseguem rasgar papel mas ainda não utilizam tesoura apesar de algumas já terem tentado e mostrarem nesse momento um grande entusiasmo. Necessitam de ajuda em algumas atividades nomeadamente atividades em que seja necessário o uso de cola. Ao nível da linguagem a maior parte das crianças expressam-se com facilidade à exceção de um menino em que os adultos têm mesmo algumas dificuldades em compreendê-lo. Não está a ser acompanhado, ao nível de terapia da fala, apenas a educadora e a auxiliar o estimulam em algumas atividades.

No que diz respeito à autonomia, todas as crianças realizam a maioria das tarefas de forma autónoma, existindo por vezes algum apoio no que diz respeito à

alimentação e higiene pessoal, por exemplo, a colocação de pasta na escova de dentes na hora de lavar os dentes.

As crianças demonstram interesse na aprendizagem de músicas, lengalengas, exibindo especial gosto na audição de histórias. Apresentam uma grande capacidade de memorização, sendo recetivas a tudo o que lhes é dado a conhecer, transmitindo uma grande vontade de aprender.

No que toca às dificuldades observadas, as mais notórias são a de partilha e respeito pelas regras da sala implementadas pelas educadoras. Quando estas regras são quebradas a educadora opta pelo diálogo com o intuito de fazer entender à criança que o que fez é errado. “... Os professores podem ajudar as crianças a adquirirem um comportamento adequado tornando-lhes claro aquilo que se espera delas de uma forma direta e clara” (Formosinho, 2008, p.26).

Quando alguma criança se apresenta mais agitada, sendo o seu comportamento mais difícil de controlar, a educadora opta muitas vezes pelo “momento de pausa”, em que leva a criança para outro espaço fora da sala onde a senta durante uns minutos para que pense naquilo que fez de errado. “... Deve haver uma explicação clara dos comportamentos que levam ao Tempo de Pausa. Aqueles que não podem ser ignorados, tais como desobediência acentuada, o comportamento de oposição, agressões ou comportamentos destrutivos são bons exemplos” (Webster-Stratton, 2013, p.87). Num outro sentido, a educadora usa frequentemente o “reforço positivo” quando as crianças se portam bem e quando fazem algo bem.

1.3- Rotina diária

O dia-a-dia no Jardim de Infância rege-se por uma sequência de acontecimentos que por todos é apelidado, no sentido positivo do termo, de “rotina”. É um percurso diário, muitas vezes organizado sem uma consciência pedagógica e que tem por base a obrigatoriedade do cumprimento de determinadas tarefas, tais como as necessidades básicas.

É fulcral a existência de uma rotina, pois estas, quando consistentes, como atividades que ocorram todos os dias mais ou menos da mesma forma, proporcionam conforto e segurança às crianças. Ajuda-as a confiar nos adultos que atendem às suas necessidades. Quando as crianças têm esta sensação de confiança e segurança, ficam mais livres para o seu “trabalho”, brincar, explorar e aprender.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar “A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo liberdade de propor modificações.” (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

A rotina diária no Jardim-de-infância organiza-se do seguinte modo:

7:45-9:00 – Acolhimento/Atividade livre

9:00- 12:00 – Atividade Letiva (momento de higiene, almoço, sono e lanche)

15:30- 17:30 – Atividade Letiva

17:30 – 18:30 – Saída/Atividade livre

“Durante o período pré-escolar, é de extrema importância a aquisição de certos hábitos, uma vez que constituirão a base de aprendizagem em etapas posteriores, no entanto, deverá ter-se sempre em conta a criança e as suas vivências e não deixar que o ato de educar se transforme num simples ato de reproduzir conhecimentos, de ensinar e de dar forma, contribuindo para que o sujeito educado deixe de ser sujeito e se transforme em objeto.” (Bairo, (2015) citado por Bramão, 2006, p.7).

1.4- Organização do espaço e do tempo

A organização do espaço e do material nele existente reflete as intenções educativas do educador e é decisivo no que toca ao desenvolvimento e às aprendizagens das crianças pelo que os materiais devem ser adequados às características do grupo para promover aprendizagens significativas e fazer com que as crianças gostem e se sintam bem no Jardim-de-Infância.

”A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (Ministério da Educação, 1997, p.31).

O jardim-de-infância é constituído por três salas de atividades:

- A “sala das cores” que normalmente é utilizada para atividades de expressão plástica.
- O “salão”, local onde se realizam atividades relacionadas com jogos e construções e onde também está localizado um computador utilizado frequentemente pelas crianças. É também nesta sala que é feito diariamente o acolhimento das crianças.
- A “sala dos cantinhos” que é composta por várias áreas: uma área com uma cozinha, uma mercearia, um cabeleireiro e um quarto de dormir. Nesta área as crianças realizam diversas vezes atividades de dramatização muito centradas no “faz-de-conta”. Tem também uma área de leitura e uma área de jogos.

Na instituição predomina o sistema rotativo de salas, em que todas as crianças passam pelas diferentes salas. Esta rotatividade ocorre uma vez durante a manhã e outra vez durante a tarde.

Todo o mobiliário existente nas salas é adequado à estatura e às necessidades das crianças. Os recursos materiais encontram-se em bom estado e são usados pelas crianças diariamente.

1.5- Relação entre pais e Jardim-de-Infância

Para os pais, participar na escola não deve ser apenas “receber informações”. É necessário que se tornem participativos, que façam sugestões e que tomem decisões em conjunto com a escola dado a instituição fazer parte do quotidiano da criança, e como tal, os pais devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem.

As escolas devem ser promotoras de estratégias que promovam a aproximação da família à escola. Desta forma, os pais devem ser envolvidos de diferentes formas e cabe à instituição proporcionar uma diversidade de condições para o seu envolvimento na escola.

Segundo as OCEPE “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Ministério da Educação, 1997, p.43).

Os pais podem e devem participar ativamente na vida escolar da criança sem ter medo que a comunidade escolar veja isso como uma intromissão.” A entrada dos pais no estabelecimento de ensino não é uma agressão (...). O jardim infantil é para as crianças que o frequentam, para os seus pais, para os educadores (...) “(Correia, s.d, citado por Homen,2002,p40).

A interação com os pais é constante. Há reuniões frequentes entre pais e educadoras para que estes fiquem saber dos progressos e as dificuldades dos filhos.

Para além dos eventos tradicionais que a instituição promove (festas de Natal, Dia da Mãe, Dia do Pai, atividades de início e final do ano), os pais são também envolvidos em pequenos projetos e são chamados a participar em algumas atividades durante o período letivo. Todos os dias há uma troca constante de ideias entre pais e educadora sempre que estes vão deixar e buscar as crianças.

1.6- O Modelo Pedagógico - *High Scope*

A metodologia utilizada pela educadora é a do modelo *High/Scope*. Este modelo pretende desenvolver uma pedagogia centrada na ação da criança, ou seja, as crianças dever ter um papel fundamental na sua própria aprendizagem através da interação e exploração do mundo que as rodeia. É um modelo que integra a visão construtivista de Jean Piaget, que visa a manipulação e exploração de novas experiências.

“A aprendizagem pela ação é definida como a aprendizagem na qual a criança, através da sua ação sobre os objetos e da sua interação com as pessoas, ideias e acontecimentos, constrói novos entendimentos.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 22). Neste contexto, a aprendizagem pela ação também vai depender muito das interações positivas entre os adultos e as crianças, pois como foi observado no estágio curricular, o adulto vai “... partilhando o controlo com as crianças, centrando-se nas suas riquezas e talentos, estabelecendo relações verdadeiras com elas, apoiando as suas brincadeiras, e adotando uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito social.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 6).

A relação que a educadora cooperante estabeleceu com as crianças foi de extrema importância no processo de aprendizagem de desenvolvimento das mesmas, pois quando existem interações positivas entre o adulto e a criança esta por sua vez fica mais segura e motivada a adquirir e a desenvolver as próprias aprendizagens.

Seguindo este contexto a educadora dá especial atenção às rotinas diárias, rotinas estas que apoiam a aprendizagem ativa das crianças. A rotina neste modelo inclui o processo planejar-fazer-rever, “... o qual permite que as crianças expressem as suas intenções, as ponham em prática e reflitam naquilo que fizeram.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 8).

PARTE II- Vivenciando Experiências-Chave

1. O Trabalho de Projeto

1.1- Implementação e desenvolvimento de um Projeto Pedagógico

Durante a minha experiência como estagiária, o trabalho por metodologia de projeto foi um dos aspetos que me suscitou mais interesse. Foi possível observar que esta metodologia se centra nas aprendizagens das crianças e desempenha um papel fundamental na educação de infância, pois estimula e valoriza o desenvolvimento intelectual e social das mesmas e favorece inúmeras oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, dando às crianças a oportunidade de dar o seu contributo, podendo todas elas partilhar ideias, experiências e conhecimentos. Como refere Teresa Vasconcelos (2011), “O trabalho de projeto contribui para que as aprendizagens tenham um significado, sejam portadoras de sentido, envolvendo as crianças (ou os adultos) na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas. Tal processo de aprendizagem permite o desenvolvimento de competências essenciais numa sociedade do conhecimento: a recolha e tratamento de informação e, simultaneamente a aprendizagem do trabalho de grupo, da colaboração, da tomada de decisão negociada, a atividade metacognitiva, e o espírito de iniciativa e criatividade”(p.9)

Segundo Formosinho (2011, p.56) “A marca distintiva do Trabalho de Projeto, o eixo nuclear da sua estrutura epistemológica, enraíza aqui: começar por um problema e não por um tema, é traçar um itinerário reflexivo, é fazer da pesquisa e dos seus atores (alunos e o professor) o centro de uma aprendizagem”.

1.2- O Projeto: O Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar

O projeto educativo foi pensado e elaborado em conjunto com a educadora cooperante, sendo que, este projeto esteve integrado no projeto curricular da instituição, projeto este que englobou vários temas:

- Eu, a minha família e o meu jardim-de-infância - Os nossos animais de estimação; - Hortas e jardins.

A partir daqui implementamos o projeto de nome “O Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar”. Este tema surgiu devido ao coreto existente no JI da instituição, estar localizado num espaço ao ar livre pouco aproveitado por parte das crianças.

Partindo dos conhecimentos que cada criança possuía acerca do coreto construímos a teia de conhecimentos. Foi este o ponto de partida para iniciarmos uma série de atividades explorativas que proporcionaram desafios e novas aprendizagens às crianças.

Este projeto obedeceu às quatro principais fases de desenvolvimento de um projeto e que se interligam entre si.

Fase I: Definição do Problema

Nesta fase quisemos saber quais os espaços exteriores do JI onde as crianças gostavam mais de brincar. Foi referido o espaço do coreto como o local menos atrativo, devido ao facto de irem para lá brincar poucas vezes, e onde apenas tinham a possibilidade de andar de triciclos. Surgiu então deste modo uma questão problema, “o que é um coreto?”.

Pegando nesta temática e tentando explorá-la, quisemos saber os conhecimentos que as crianças tinham acerca dos coretos. Muitas das crianças mostraram saber pouco ou nada acerca do tópico, e devido a esse facto fizemos uma pesquisa onde descobrimos que era nos coretos que tocavam as bandas de música nas festas e romarias e que as famílias se reuniam para conviver e assistir às atuações.

Foram apresentadas às crianças várias imagens de coretos e foi-lhes perguntado se sabiam o que era e se alguma vez tinham visto algo parecido, sendo que nenhuma das crianças conseguiu associar as imagens ao coreto existente no JI. Apenas uma das crianças fez o seguinte comentário: “Eu acho que lá atrás há uma coisa parecida com essa”. A partir daqui foi elaborada uma teia (consultar apêndice 1) de conceitos com as crianças onde lhes foram formuladas algumas questões tais como:

”O que é um coreto?”, “ O que sabem sobre os coretos?”, “O que querem saber?”, “Para que servem?”, e “O que gostariam de fazer no coreto da nossa escolinha?”.

Segundo Katz (1997, p.172), “O ponto principal da primeira fase do trabalho de projeto é estabelecer uma base comum entre os participantes, partilhando informações, ideias e experiencias que as crianças já têm acerca do tópico. O professor pode ajudá-las a construir uma perspetiva partilhada”.

A partir daqui foi elaborado um conjunto de atividades propostas pelas crianças, sendo elas a construção de instrumentos musicais, construção de uma casa, de uma horta ou um jardim e de uma cozinha.

Fase II- Planificação e desenvolvimento do trabalho

Segundo as OCEPE, “planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários á sua realização (...) Cabe, assim ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, (...)” (Ministério da Educação, 1997, p.26).

Para elaborar as planificações foi necessário definir metas, organizar o grupo, providenciar recursos materiais e preparar para antecipar acontecimentos, pois as planificações foram sofrendo alterações de acordo com as propostas das crianças.

Deste modo foram então elaboradas quatro planificações: “A Família”, “Casa e Instrumentos Musicais”, “Canteiros Aromáticos” e “Cozinha no coreto” (consultar apêndice 2).

Fase III – Execução

Depois de elaborada a teia com todos os pontos-chave acerca do coreto foi solicitado a todas as crianças que realizassem o grafismo de como gostariam de ver este espaço, dando-se então início ao projeto. Achámos deste modo importante realizar um conjunto de atividades relacionadas com a família já que esta está diretamente ligada à temática do Coreto.

Iniciámos então a construção, com materiais de desperdício, de três bonecos em 3D representativos de uma família (consultar apêndice 3). Foi também trabalhada uma canção sobre a família (consultar apêndice 4), elaborada pelas crianças, uma história acerca das figuras construídas (consultar apêndice 5) e para terminar foi elaborado um cartaz onde foram documentadas todas as fases deste subprojecto. Este cartaz foi posto em exposição à entrada da escola juntamente com os três bonecos.

É de salientar que a história elaborada pelas crianças foi com base nas suas vivências e gostos próprios.

De seguida teve início a construção da casa em simultâneo com os instrumentos musicais (consultar apêndice 6). Nestas duas atividades foram utilizados materiais de desperdício explorados e escolhidos pelas crianças.

A experiência seguinte proporcionou às crianças a construção de um canteiro aromático para pendurar no coreto (consultar apêndice 7), construído também com materiais de desperdício.

Para finalizar, e indo ao encontro dos interesses das crianças, foi construída uma cozinha para colocar no espaço do coreto e foram realizadas uma série de atividades relacionadas com a mesma. Foi construída por um serralheiro uma cozinha em madeira numa escala mais pequena (à altura das crianças). Como seriam precisos utensílios para brincar na cozinha, as crianças elaboraram bilhetes para levar para casa onde fizeram o grafismo de um utensílio que gostariam de levar para a cozinha do Coreto.

Para dar continuidade à temática da cozinha foi contada a história “O Coelho Branco”, uma história que falava num coelho que queria fazer um caldinho e para isso pediu verduras a outros animais. Esta história fez com que as próprias crianças criassem uma receita de um caldinho que foi confeccionada no refeitório do JI (consultar apêndice 8). Para finalizar esta temática contámos com a colaboração da mãe de uma das crianças na confeção de umas bolachinhas de manteiga.

É de salientar que em simultâneo com as atividades do projeto foram elaboradas outras atividades isoladas que surgiram através da curiosidade das crianças tal como a atividade alusiva à chegada da Primavera.

Fase IV – Divulgação/Avaliação

Segundo as OCEPE “A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.” (Ministério da Educação, 1997, p.27).

Deste modo avaliação é um importante instrumento que ajuda o educador a entender as necessidades individuais das crianças, adaptando e modificando estratégias para lhes promover experiências enriquecedoras e aprendizagens significativas.

Os instrumentos utilizados nas avaliações foram a observação participante, os registos fotográficos e registos escritos de conversas em grande e em pequeno grupo.

No que diz respeito à divulgação, foram elaborados convites para entregar aos pais/familiares para comparecerem no JI (consultar apêndice 9) com a finalidade de visitarem uma pequena exposição no espaço do Coreto com cartazes ilustrativos e trabalhos, de modo a conhecerem todas as fases do projeto em que os filhos participaram. Foi também entregue os pais um DVD com fotografias dos filhos em diversas atividades durante o nosso período de estágio.

Como futuras educadoras e mediadoras do processo de aprendizagem, asseguramos a coerência do projeto com a ajuda da educadora cooperante, articulando de forma organizada as sugestões das crianças, tendo em conta que o processo respeitasse o desenvolvimento de cada uma assim como os seus interesses e as suas motivações. No entanto tudo isto se processou em função de uma planificação previamente elaborada por nós. A fase de planeamento foi de extrema importância neste processo.

Dado que foi a primeira vez que utilizámos esta metodologia, as informações obtidas nas aulas de Prática Educativa foram cruciais para o aprofundar do nosso conhecimento acerca da metodologia, informações estas também complementadas com alguma pesquisa.

Com este projeto foi nossa intenção tornar as crianças mais autónomas e construtoras do seu próprio conhecimento. Procurámos sempre dialogar, pôr questões para que elas procurassem as suas próprias respostas e desenvolvessem as suas aprendizagens, tal como refere Katz e Chard (1997,p.109) “ O trabalho de projeto não deverá substituir todas as práticas infantis correntes, nem constituir a totalidade do currículo nos primeiros anos de vida, mas, antes, como parcela significativa de um programa educativo, estimular as capacidades emergentes e ajudar as crianças a dominá-las.”

Desde o início até ao fim do projeto o entusiasmo das crianças foi notório, estas foram participantes ativas e escolheram sempre que rumo dar a cada atividade, expondo as suas dúvidas e procurando dar as respostas.

No que diz respeito à comunidade escolar, a educadora cooperante foi participante ativa tal como os pais que sempre acompanharam cada fase fazendo perguntas e mostrando-se sempre disponíveis para ajudar e arranjar diversos materiais.

Consideramos que na realidade desenvolvemos um projeto que se tornou extremamente gratificante tanto para nós como para a comunidade escolar.

2- Desenvolvimento físico na Educação de Infância

Ao entrar para a educação pré-escolar a criança possui à partida aquisições motoras básicas, tais como andar, transpor obstáculos, manipulação de objetos de forma mais ou menos precisa. Visando o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar oportunidades de exercitação de motricidade geral e fina, de modo a ir de encontro à individualidade e permitir que todas as crianças aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.

A expressão motora tem por isso relevância na aprendizagem das crianças e está presente nas orientações curriculares, sendo inserida no domínio das diferentes expressões. "O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos." (Ministério da Educação, 1997, p.57).

O desenvolvimento motor é um processo contínuo e demorado, mas as mudanças mais importantes acontecem nos primeiros seis anos de vida. Assim sendo, serão fundamentais as práticas e vivências motoras diversificadas, na escola e também fora dela, com a finalidade de estimular as habilidades locomotoras e manipulativas. De acordo com Mateus (2012), citado por Meinel (1984), "O desenvolvimento motor da criança, desde o nascimento ao 3º mês decorre de uma forma lenta, pois os movimentos são poucos. Só se verifica alguma evolução de movimentos, no final da idade de recém-nascido." (p.7)

Durante todo o estágio foi possível observar que as crianças de três anos de idade são fisicamente muito ativas. Com três anos de idade uma criança está totalmente integrada em diversos níveis e completamente preparada ao nível motor, conseguindo realizar várias atividades de forma correta.

"Entre os três e os sete anos, as crianças estão a entrar numa fase crucial das suas vidas. Segundo Vasconcelos (2005) citado por Gallahue, é entre os dois e os

sete anos que as capacidades e os padrões motores básicos se desenvolvem. Por isso, na educação de infância, o objetivo deve ser assegurar que todas as crianças tenham a oportunidade de desenvolver estas capacidades e padrões.” (p.88).

A educação pré-escolar deve contribuir e estimular a criança na prática do exercício físico, pois esta prática regular vai permitir à criança um fortalecimento do seu estado saudável, desenvolvendo uma postura correta, apreendendo movimentos fundamentais, desenvolvendo as suas capacidades físicas em simultâneo com uma melhoria da auto-estima e do desenvolvimento do espírito cooperativo e do fortalecimento das relações humanas.

Durante o decorrer do estágio foi possível organizar e executar semanalmente com as crianças uma série de atividades de ginástica e atividades à base de jogos nas quais lhes foi possível proporcionar ocasiões de exercício de motricidade global, motricidade grossa e de locomoção e motricidade fina. (Consultar planificações do apêndice 9).

2.1. Capacidades de motricidade global

A diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo global – trepar, correr e outras formas de locomoção, bem como deslizar, baloiçar, rodopiar, saltar a pés juntos ou num só pé - podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento - iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções. A inibição do movimento, ou seja a capacidade de estar quieto e se relaxar faz também parte do trabalho a nível da motricidade global.

A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior - esquerda, direita, em cima, em baixo, etc. É situando o seu próprio corpo que a criança apreende as relações no espaço relacionadas com a matemática.” (Ministério da Educação,1997,p.58).

2.2. Capacidades de motricidade grossa e de locomoção

As crianças conseguem andar para a frente, para trás e de lado, andam em pontas dos pés, equilibram-se em cima de uma perna, sobem e descem escadas com um pé a frente do outro, saltam de pés juntos, equilibram-se a andar em cima de uma tabua, conseguem rastejar através de um túnel.

2.3. Capacidades de motricidade fina

A motricidade fina é uma das competências chave a ser desenvolvida desde muito cedo. O desenvolvimento desta competência possibilita bons resultados na escrita e na matemática.

“O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos. Exige também ocasiões em que as crianças possam receber e projetar objetos- atirar ou apanhar bolas e outros matérias de arremesso utilizando as mãos ou os pés.” (Ministério da Educação,1997,p.59).

2.4. Um ambiente adequado

Na hora de organizar as atividades há que ter em conta se o jardim-de-infância possuiu um ambiente adequado e organizado tanto interior como exterior para que as crianças consigam mover-se com facilidade e mostrar todas as suas potencialidades e dificuldades.

É essencial que as crianças tenham acesso ao ambiente exterior durante o tempo que passam no jardim-de-infância, este ambiente deve ser seguro e proporcionar às crianças total liberdade para brincar.

Deve ser um espaço amplo com superfícies variadas como relva, areia, e rico em equipamentos e brinquedos, tais como triciclos, baloiços, casas de brincar.

Relativamente a estes aspetos considero o meu local de estágio extremamente rico possuidor de um espaço exterior muito grande e variado, e de alguns

equipamentos que possibilitaram a realização dos exercícios de expressão motora com grande sucesso.

“A expressão motora pode apoiar-se em materiais existentes na sala e no espaço exterior ou, ainda, ter lugar em espaços próprios apetrechados para o efeito. Os diferentes espaços têm potencialidades próprias, cabendo ao educador tirar partido das situações, espaços e materiais que permitam diversificar e enriquecer as oportunidades de expressão motora.” (Ministério da Educação,1997,p.59).

2.5. Atividades de expressão físico-motora

Durante o período de estágio foram organizadas e planificadas uma série de atividades feitas no espaço exterior.

Estas atividades passavam de um pequeno aquecimento à elaboração de um ou dois jogos, e até mesmo exercícios de ginástica divididos por estações, finalizando com um retorno à calma onde eram feitos exercícios de alongamento muscular.

As atividades de ginástica possibilitam à criança essencialmente o desenvolvimento das suas capacidades de motricidade grossa bem como o desenvolvimento de algumas das suas capacidades locomotoras.

Jogar/brincar é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, daí ser importante ele ser introduzido na atividade física. O jogo promove o desenvolvimento cognitivo em muitos aspetos: descoberta, capacidade global, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais e capacidade de processar informação. A criança ao praticar o jogo desenvolve aspetos cognitivos, motores, afetivos e sociais.

“Jogar concede às crianças um meio diferente através do qual podem desenvolver as suas capacidades motoras emergentes. Além disso, os jogos podem ser usados como um veículo para desenvolver as capacidades sociais das crianças e proporcionar-lhes uma atividade agradável, de modo a que se sintam encorajadas a participar em jogos ao longo de toda a sua vida” (Vasconcelos,2005,p.98).

Numa fase inicial, as crianças mostravam algumas dificuldades ao nível da motricidade grossa, nomeadamente ao saltar de pés juntos e ao manter o equilíbrio caminhando em cima de uma tábua.

Durante o decorrer do estágio foi notória a evolução das crianças ao longo da realização destas atividades, pois ao insistirmos neste tipo de exercícios, e ao conseguirem obter sucesso na sua execução, foram aumentando a sua autoconfiança.

3- A importância da leitura de Histórias na Educação Pré-Escolar

“O contacto precoce com o livro infantil e com a literatura é por todos reconhecido como fundamental no processo de ensino-aprendizagem” (Centro de Estudos da Criança, 2002,p.110)

Todas as crianças quando nascem têm contato com os adultos que falam constantemente a sua volta, e à medida que vão crescendo as histórias infantis vão adquirindo especial importância nas suas vidas. É de notar que até entrarem para o pré-escolar algumas crianças nunca tiveram qualquer tipo de contato com livros infantis. Para aprender a falar a criança tem de ouvir, então é fundamental que desde tenra idade esta ouça histórias e tenha contato direto com os livros para que os possa manipular. A partir daqui iniciam as suas aprendizagens para serem leitores, pois como bons leitores irão compreender melhor o mundo em que vivem, vão desenvolver o seu imaginário, a sua concentração e o seu gosto pela leitura. A atividade de ler e contar histórias, permite o alargamento do vocabulário da criança e a construção de novos significados, contribui, sem dúvida para aumentar os seus conhecimentos sobre todos os aspetos da língua.

A relação da literatura infantil com a escola é que ambas devem incentivar e fortalecer a formação do indivíduo.

“O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.” (Ministério da Educação,1997,p.70).

Para que tudo isto seja possível é extremamente importante que qualquer escola possua bibliotecas ou pelo menos um espaço para que, como foi referido acima, a criança possa estar em constante contato com os livros e os possa manipular. Abramovich (1997,p.140) diz que “as escolas devem possuir uma biblioteca, um lugar escolar a que se atribui um estatuto simbólico que constrói uma relação escolar com o livro.”

Uma criança até certa idade não está apta mentalmente para compreender como funciona o mundo a sua volta criando assim um universo só seu onde tudo faz sentido, confundindo a fantasia com a realidade, é então aqui que entra o educador que, enquanto mediador do processo de promoção de leitura, tem como objetivo principal alimentar essa fantasia.

Os contos vão transmitir-lhes valiosas lições, mensagens sobre a vida para que deste modo conheçam o seu próprio universo e lidem com os problemas que a rodeiam de forma mais compreensível.

“O conhecimento do mundo «próprio de uma determinada faixa etária, concretamente a infância, irá ocasionar uma visão muito peculiar dos factos: um elemento pertencente ao «real», porque completamente estranho ao seu mundo, poderá ser colocado no universo da fantasia, «do faz de conta que existe mas não existe»...” (Bastos, 1999,p.32).

A pessoa que vai contar a história tem de ter total conhecimento da mesma, deve modificar a voz consoante as personagens e os seu diálogos e não entrar em grandes pormenores durante a leitura para que as crianças se mantenham motivadas e interessadas no que estão a ouvir e se consigam envolver na história interiorizando-a de forma a estimular o seu imaginário.

É importante que as crianças questionem, recontem a história e saibam os nomes das personagens, pois a criança sendo um sujeito ativo no seu próprio processo de aprendizagem é essencial que esta tenha um papel participativo, não apenas como espectador, mas como dinamizador e crítico, sentindo-se à vontade para dar as suas opiniões. Como a criança ainda não sabe ler nem escrever o professor tem

então um papel fundamental para que esta adquira certas competências. Deve ter-se especial atenção à idade das crianças e escolher uma história adequada que promova o seu espírito crítico para que a criança pense sobre o que foi lido.

Na minha experiência como estagiária observei o desinteresse das crianças por histórias que continham muito texto ou que fossem muito longas, e a partir daí foram selecionadas histórias mais ricas em imagens, com pouco texto, mas com um grande valor simbólico. A partir destas histórias foram realizadas algumas atividades tais como atividades de desenho em que as crianças teriam de desenhar as personagens e o reconto de história.

“O modo como o educador lê para as crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler. Na leitura de uma história o educador pode partilhar com uma criança a suas estratégias de leitura, por exemplo ler o título para que as crianças possam dizer do que se trata a história, propor que prevejam o que vão acontecer a seguir, identificar os nomes das atividades dos personagens...” (Ministério da Educação, 1997, p.70).

O desenho como forma de escrita também vem referenciado nas OCEPE. No decorrer do meu estágio recorri frequentemente a este método após a leitura de uma história. Como as crianças em idade pré-escolar ainda não sabem ler o desenho vai assumir um papel importante pois vai substituir as palavras apelando também à imaginação de cada criança. Neste caso a criança pode recontar a história através de imagens, desenhar a sua personagem ou objeto que mais lhe chamou a atenção durante a leitura da história

“Não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento.” (Ministério da Educação, 1997, p.70).

As ilustrações de um livro assumem uma especial importância na hora de contar a história. Como já foi referido anteriormente, durante o período em que a

educadora procede à leitura da história não deve entrar em grandes pormenores, deve deixar isso ao critério de cada criança, para que esta à medida que vai ouvindo e vendo as imagens estimule a sua imaginação.

“Se a literatura infantil se destina a crianças e se se acredita na qualidade das ilustrações como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os mais pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas. ” (Lajolo,2007,p.12). Também Farinha (2010,p. 39) refere que “ Nos bons livros ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa.”

Não menos importante que a escola, a família onde se insere a criança tem o dever de lhe inculcar o gosto pelos livros e pela leitura. Ler para e com os filhos, é uma atitude que deve contribuir progressivamente para a construção de um hábito. Os pais são modelos para todos os filhos, e as suas práticas influenciam o comportamento das crianças. Se as crianças observarem que os pais leem, acabam por adquirir também esse gosto. Os pais assumem um papel fundamental nos momentos de leitura que proporcionam aos seus filhos, sendo fulcral que tenham sempre um momento estipulado para que o possam fazer.

“O primeiro passo é investir nas pessoas – os professores do pré-escolar têm de aprofundar o seu saber no domínio da literatura infantil...os pais têm de receber informação e motivação para lerem ou contarem histórias aos filhos...” (Veloso, 2002, p.114).

Durante o meu período de estágio foram várias as vezes em que li histórias para as crianças, e considero que a minha experiência como contadora de histórias foi muito rica. Cada história e cada discurso utilizado para a contar tem de ser adequada a cada idade com que se quer trabalhar. Foi de notar que as crianças de 3 anos de idade são mais sonhadoras e acreditam mais na fantasia do que as crianças de 5 anos, e reparei nisso depois de ler a história “A que sabe a Lua?” às crianças de 3 anos e depois separadamente às de 4 e de 5 anos. A história conta que vários animais da floresta tinham curiosidade em saber se a lua era doce ou salgada e queriam

chegar até ela para provar um pedaço. Ao interrogar as criança de 3 anos com a questão, “Se pudesses chegar à lua e tirar-lhe um pedacinho para comer a que achas que saberia? várias foram as resposta tais como chocolate, salsichas, batatas fritas...enquanto que, ao colocarmos esta questão às crianças de 5 anos, uma delas prontamente respondeu,” A lua não sabe a nada porque é feita de pedra.”

4- A importância do Brincar na Educação Pré-Escolar

“A brincadeira contém todas as tendências de desenvolvimento de forma condensada e é em si uma fonte principal de desenvolvimento.” (Vygotsky citado por Brock, Dodds, Jarvis & Olusoga, 2011,p.57).

A instituição onde se realizou o meu estágio tem como principal objetivo privilegiar o brincar. Daí pude observar as várias situações de brincadeira realizadas pelas crianças tanto no interior como no exterior.

A criança tem necessidade de brincar, e brincar é importante em todas as fases da vida, mas principalmente na infância, em que assume um papel fundamental. O brincar não serve apenas como meio de entretenimento mas também potencializa muitas aprendizagens. Daí ser importante que os educadores alertem os pais para a importância do brincar. Quando a criança brinca consegue exprimir-se melhor, pois os seus gestos e atitudes estão repletos de significados e é também através do brincar que estas se relacionam socialmente. A brincadeira deve ser encarada de um modo serio por parte dos pais e educadores e não apenas ser vista como uma distração que mantém a criança ocupada, pois o brincar é um fator fundamental para o desenvolvimento da criança.

Para Piaget (1979) “a aquisição da comunicação e o seu desenvolvimento depende de vários fatores como o biológico, afetivo e social, este conclui que o brincar pode classificar-se mediante três fases de desenvolvimento infantil, correspondendo cada uma destas fases à estrutura mental da criança.”

Período dos 0 aos 2 anos:

É o período em que a criança adquire as competências sensoriomotoras, em que aparece a linguagem. Um período de descobertas em que a criança brinca sozinha e descobre os movimentos do seu corpo tal como tem interesse em manipular com objetos mais cativantes. A criança exercita a sua atividade de brincar por simples prazer.

Período dos 2 aos 7 anos:

Esta é a chamada fase pré-operatória, é uma fase onde as crianças começam a usar o imaginário e a brincar ao faz de conta relacionando-se também com outras crianças, através da transformação do real as crianças realizam os seus desejos e conseguem expressar os seus medos e angústias ou seja a atividade lúdica adquire o carácter simbólico. Piaget também faz referência exactamente ao jogo simbólico, “o jogo simbólico assinala, sem dúvida, o apogeu do jogo infantil”. (1979, p. 67).

É através do jogo simbólico que a criança vai compreender os papéis sociais da cultura onde está inserida.

“Eu gosto de brincar. Nós podemos transformar-nos no pai, na mãe e no bebé, mas é a fingir, é só a brincar. (Patricia, 5 anos)”, (Gomes,2010,p.13)

Período a partir dos 7 anos:

A partir deste período surge o jogo de regras que se caracterizam por ser uma combinação sensoriomotora ou intelectual, em que as crianças vão competir entre si regulamentados por regras. Neste período as regras vão obrigatoriamente implicar relações sociais, a criança vai perceber que não é a única que tem objetivos.

Já para Vygotsky, (1998) citado por Rolin,Guerra & Tassigny) “...a situação imaginária de qualquer brincar está incutida nas normas de comportamento. Dessa forma é possível concluir que não existe brinquedo sem regras, mesmo que não sejam regras estabelecidas á priori; o brincar está envolvido em regras da sociedade.”

Ou seja as regras já são impostas pelo próprio brincar mesmo que desta maneira a criança não se aperceba delas.

O que para Piaget se denomina de jogo simbólico para Vygotsky denomina-se de faz-de-conta.

Esta brincadeira possui um grande valor educativo, pois a criança viaja pelo mundo dos adultos usando situações do dia-a-dia, treinando o seu comportamento social para melhor compreender o mundo que a rodeia colocando as suas ideias em ação, exprimindo os seus sentimentos, contribuindo para o trabalho em grupo, logo para a cooperação perante as diferentes situações sociais que possam surgir, para isso também terá de aprender a cumprir regras essenciais para uma vida em sociedade.

“Quando brinca a criança cria situações imaginárias em que se comporta como se agisse no mundo do adulto.” (Gomes,2010,p.12).

O educador vai ser o principal proporcionador de ambientes lúdicos e propícios para que as crianças explorem as suas brincadeiras, daí ser essencial o educador definir prioridades a nível da sua prática pedagógica reconhecendo as necessidades e interesses das crianças, reconhecendo que o brincar é essencial na vida da criança para que esta adquira conhecimentos e construa a sua identidade.

“De facto não podemos esquecer que ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas com a formação pessoal e social (identidade, autonomia, relação com os outros, comportamentos e atitudes e desenvolvimento emocional), e expressão e comunicação e o conhecimento do Mundo” (Gomes,2010,p.12).

O educador também deverá observar atentamente as brincadeiras da criança, tentando arranjar maneiras de intervir nestas brincadeiras e de as enriquecer. No entanto, “... é necessário ter em consideração que a nossa intervenção não poderá colocar em risco o desenrolar natural da brincadeira” (Gomes,2010,p.12).

Durante todo o meu período de estágio foi-me possível observar que a educadora cooperante todos os dias dava às crianças a possibilidade de brincar, tanto

de forma livre como sugerindo algumas brincadeiras cabendo à criança escolher o seu próprio modo de brincar.

5. “Abordagem de Mosaico”

5.1-O que dizem as crianças sobre o jardim-de-infância

A experiência-chave que em seguida desenvolvo está relacionada com a investigação efetuada durante o período de estágio. Esta investigação teve como principal objetivo escutar as “vozes” das crianças tendo como base metodológica a Abordagem de Mosaico.

A Abordagem de Mosaico é uma metodologia que dá “voz” às crianças e tem como influência os modelos pedagógicos Reggio Emilia e Pedagogia em Participação. A principal mensagem do modelo pedagógico Reggio Emilia é a de que com união todos os objetivos podem ser alcançados. “As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas com “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música”. (Edwards; Gandini & Forman, 1999, p. 21).

Na pedagogia em participação o professor é o organizador de um ambiente educacional onde a observação e a escuta das crianças são os principais objetivos.

O processo de aprendizagem tem como base a interação criança/adulto. A aprendizagem acontece pelas descobertas do dia-a-dia, pelas experiências contínuas e interativas das crianças e pelo envolvimento da criança em atividades e projetos. Ou seja, são valorizados e respeitados os seus saberes, levando em conta os seus conhecimentos e as suas capacidades. As atividades são desenvolvidas com as crianças visando as suas próprias aprendizagens e partindo de experiências significativas. Como refere Formosinho (2011) “Os objetivos das pedagogias participativas são o do envolvimento na experiência e a construção da aprendizagem na experiência contínua e interativa. A imagem da criança é a de um ser com

competência e atividade. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas da criança”.

A Abordagem de Mosaico tem como principal finalidade dar voz às crianças. Saber escutar a criança faz com que tenhamos acesso aos seus sentimentos e aos seus ambientes, facilitando a exploração dos sentidos das suas vivências.

A exploração das vozes das crianças tornou-se extremamente importante sendo referido na Convenção dos Direitos das Crianças, “...os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade”. (Nações Unidas, 1989).

Segundo Ferreira (2010) “... dar voz às crianças não pode ser confundido com o mero ato de deixá-las falar, dar-lhes voz implica uma escuta atenta e interessada por parte do investigador, por outro lado, dar voz às crianças não garante que, mesmo que sejam ouvidas, o que elas têm para nos dizer seja interpretado em conformidade”.

Existem cinco características distintas da Abordagem de Mosaico:

- Participativa: as crianças são peritos e agentes da sua própria vida.
- Adaptável: Os profissionais podem adaptar esta metodologia aos grupos de crianças e à instituição.
- Multi-método: recorre a variados métodos, reconhecendo e valorizando as vozes das crianças.
- Reflexiva: inclui crianças, profissionais e técnicos especializados em diversas áreas para refletir acerca dos seus significados.
- Incorporada na prática: a opinião da criança e as suas respostas a certas questões vão ser a principal ferramenta de trabalho do educador.

Existem variados métodos que o educador pode utilizar na Abordagem de Mosaico para que desta forma entenda melhor a perspetiva de cada criança.

- O uso de câmara fotográfica: as crianças vão fotografar aquilo que mais lhes agrada em função do tema que lhes é dado.
- Circuitos: As crianças vão explorar um espaço guiadas por si próprias tirando fotografias áquilo que mais lhes agrada.
- Mapas: É onde registam o circuito que fizeram e tudo aquilo que mais lhes interessou. Nestes mapas podem constar as fotografias que tiraram, e no fim refletem e discutem acerca das suas experiencias e prioridades.
- Reuniões: O educador proporciona uma conversa com o grupo de crianças num ambiente familiar onde todos organizadamente podem partilhar as suas opiniões.
- Dramatizações: É uma representação em que podem introduzir-se pequenas figuras de jogo e outros equipamentos. É mais utilizada com crianças com idades inferiores a dois anos.
- Observação e documentação.
- Conversas: São feitas de maneira informal com as crianças, os pais/encarregados de educação e auxiliares para conhecerem as perspetivas das crianças. As crianças falam da sua vida no jardim-de-infância e do que mais gostam de lá fazer.
- Manta mágica: É o espaço de observação e reflexão sobre os momentos mais marcantes desta abordagem para as crianças, onde as crianças têm a oportunidade de verem comentarem e integrarem os elementos da pesquisa.

Para darmos início à execução desta abordagem começamos por, em grande grupo, ter uma conversa com as crianças sobre o que se pretendia com esta abordagem e quem gostaria de participar. Acabaram por se oferecer duas crianças, um rapaz e uma rapariga. Foram duas crianças bastante extrovertidas mas com personalidades muito diferentes. Posteriormente falámos com os seus respetivos pais no sentido de pedirmos autorização para a realização da investigação com cada uma delas.

Na primeira fase desta abordagem é essencial ser feita uma recolha de dados, para isso elaborámos uma série de questões, algumas para serem feitas às crianças.

São questões abertas, curtas e estruturadas que permitam à criança mostrar os seus pontos de vista.

Foram então elaboradas as seguintes questões que foram introduzidas numa conversa informal com as duas crianças:

- O que mais gostas no JI?
- O que menos gostas no JI?
- Onde é o teu lugar favorito no JI?
- Quem são os amigos que mais gostas?
- Qual foi a melhor coisa que tu já fizeste aqui no JI?
- Qual é o momento do dia que tu mais gostas?
- O que gostavas que o JI tivesse que ainda não tem?
- Qual o adulto que mais gostas no JI?
- O que é que achas que os adultos fazem no JI?

Depois iniciámos individualmente com as crianças um circuito. Perguntamos quais os sítios no JI que estas mais gostavam e quais gostavam menos, e fizemos um itinerário. Foi-lhes dado uma máquina fotográfica, uma folha de papel A3, um lápis de carvão e dois lápis de cores diferentes, cores essas escolhidas pelas respetivas crianças. Uma cor representava o “gosto” e a outra cor o “não gosto” para que as crianças assinalassem no mapa os sítios que mais gostam e menos gostam no JI. Durante todo o itinerário fotografaram o que mais as agradava na escola, ao mesmo tempo que desenhavam o mapa, assinalando no mesmo os sítios que gostavam ou não com os respetivos lápis de cor.



Imagem 1- Registo fotográfico dos sítios favoritos



Imagem 2- Elaboração do mapa

No fim, em reunião de grande grupo, partilharmos toda esta informação com as outras crianças a experiência vivida na Abordagem de Mosaico. Com as fotografias posteriormente imprimidas as crianças que participaram na experiência fizeram o reconhecimento das mesmas e colaram-nas no mapa, iniciando também a construção da Manta mágica, em que houve uma reflexão acerca do trabalho elaborado, e as crianças falaram na sua experiência, referindo o que mais gostavam e menos gostavam no JI. A Manta foi afixada na sala para que fosse visível para todas as crianças e pais.



Imagens 3 e 4- Reconhecimento das fotografias e partilha de informação

Para terminar entrevistamos a equipa educativa da sala dos 3 anos e as mães das duas crianças que participaram nesta experiência. (Consultar apêndice 10)

5.2-Tratamento de dados

Para o tratamento de dados recorri à categorização dos mesmos, onde comparei os vários pontos de vista das crianças, das mães, da educadora e da auxiliar, confrontando assim toda a informação obtida. Durante estas conversas foram obtidas mais algumas informações que não foi possível obter através das fotografias e dos mapas. Inicialmente organizei duas tabelas com as respostas fornecidas pelas duas crianças. Os nomes João e Maria são nomes fictícios para salvaguardar a identidade das crianças.

Quadro nº 1- Categorização dos dados fornecidos pelo João e pela Maria

Participantes/Categorias	João	Maria
Gosta de vir ao Jardim-de Infância	×	×
Gosta de fazer desenhos		×
Gosta de atividades orientadas		×
Gosta da equipa educativa	×	×
Gosta de fazer jogos	×	×
Gosta de leitura de histórias	×	×
Gosta de atividades ao ar livre		×
Gosta de atividades dentro da sala	×	

Ao analisar os dois quadros acima verifica-se que as duas crianças têm alguns gostos muito parecidos, nomeadamente os jogos, tendo especial interesse por jogos de construção, legos e puzzles. É de notar que também gostam da Auxiliar e da Educadora pelas mesmas razões. Tanto um como outro têm um especial gosto pela leitura de histórias, coisa que fizeram questão de frisar durante todas as nossas conversas. Apesar de gostarem os dois do espaço exterior, a Maria mostra um gosto e um grande entusiasmo pelas atividades realizadas ao ar livre enquanto o João durante as nossas conversas falava constantemente na sala das cores devido ao facto de ter muitos legos e materiais de construção. Durante todo o período em que decorreu a minha prática foi-me possível observar que não só estas duas crianças, mas todas elas mostram um grande entusiasmo em frequentar o JI, convivem com serenidade e respeitam e gostam de toda a equipa educativa.

Quadro nº 2- Categorização dos dados fornecidos pela mãe do João e pela mãe da Maria

Participantes/Categorias	Mãe do João	Mãe da Maria
Gosta de vir ao Jardim-de Infância	×	×
Gosta de fazer desenhos		×
Gosta de atividades orientadas		×
Gosta da equipa educativa	×	×
Gosta de fazer jogos	×	×
Gosta de leitura de histórias	×	×
Gosta de atividades ao ar livre		×
Gosta de atividades dentro da sala	×	

Depois de feitas as entrevistas às mães das duas crianças constatou-se que existem dados coincidentes com as respostas dos filhos. A mãe do João refere que ele gosta de ir à escola e que o que mais gosta é de fazer é construção com legos, referindo também que o filho lhe costuma contar como correu o dia sempre que chega a casa.

Relativamente à mãe da Maria, é com esta que se encontra o maior número de dados coincidentes a partir das respostas dadas pela filha, pois esta é uma criança

muito ativa tanto em casa como na escola. É uma criança que tem um gosto especial por atividades ao ar livre e faz questão de o demonstrar em qualquer momento.

Quadro nº 3- Categorização dos dados fornecidos pela Educadora acerca do João e da Maria

Participantes/Categorias	João	Maria
Gosta de vir ao Jardim-de Infância	×	×
Gosta de fazer desenhos		×
Gosta de atividades orientadas		×
Gosta da equipa educativa	×	×
Gosta de fazer jogos	×	×
Gosta de leitura de histórias	×	×
Gosta de atividades ao ar livre	×	×
Gosta de atividades dentro da sala	×	

Durante o decorrer da entrevista com a educadora cooperante foi evidente o conhecimento da mesma acerca dos gostos das duas crianças. Confirma o gosto das duas crianças pela escola. Relativamente ao João a resposta mais coincidente é o fato do João não gostar muito de atividades orientadas e de gostar muito de jogos. Relativamente à Maria a educadora também confirma o especial gosto que esta tem pela escola e por todas atividade realizadas, principalmente as realizadas ao ar livre.

Quadro nº 4- Categorização dos dados fornecidos pela Auxiliar acerca do João e da Maria

Participantes/Categorias	João	Maria
Gosta de vir ao Jardim-de Infância	×	×
Gosta de fazer desenhos		×
Gosta de atividades orientadas		×
Gosta da equipa educativa	×	×
Gosta de fazer jogos	×	×
Gosta de leitura de histórias	×	×
Gosta de atividades ao ar livre		×
Gosta de atividades dentro da sala	×	

Durante a conversa com a auxiliar foi também notório o seu conhecimento acerca da personalidade das duas crianças. São crianças em que o seu gosto pelo espaço exterior e por jogos é notório. As respostas da auxiliar são coincidentes com as respostas dadas pela educadora cooperante.

5.3-Conclusões

Esta experiência de investigação teve como principal objetivo perceber o que as crianças pensam acerca do jardim-de-infância e acima de tudo dar-lhes voz, pois tal como refere Formosinho (2008) "A criança é possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num dialogo democrático e na tomada de decisão.", (p.16).

É de salientar que as entrevistas realizadas às duas crianças foram elaboradas individualmente, num contexto de conversa informal e num ambiente agradável para que as suas respostas não fossem influenciadas, pois quando as entrevistas são realizadas em contexto escolar isto "poderá também conduzir a criança a tentar dar a resposta correta e mesmo procurar conferir a sua resposta junto dos pares..." (Formosinho, 2008, p.20). Neste aspeto pude constatar que as suas respostas em nada foram influenciadas, foram dadas consoante os seus gostos nunca tendo problemas em dizer "eu gosto" e "eu não gosto".

Conseguimos assim perceber que o espaço de eleição das duas crianças é o espaço exterior mostrando sempre uma enorme vontade de lá brincar. Relativamente às atividades no interior da escola as duas gostam muito de jogos e a menina ao contrário do menino gosta de todas as atividades em geral incluindo as atividades orientadas e de desenho, neste aspeto o menino é um pouco diferente pois gosta mais das atividades livres e dispensa as orientadas, mostrando sempre algum aborrecimento quando tem de as realizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente relatório tive como objetivo dar a conhecer todo o meu percurso de estágio que foi realizado numa sala de jardim-de-infância com crianças de 3 anos de idade. Este reflete todas as aprendizagens que adquiri e tudo aquilo que consegui ensinar a estas crianças durante todo o meu percurso como estagiária.

Durante o decorrer de todo o estágio foi-me dada a possibilidade de refletir acerca das práticas pedagógicas.

O balanço que faço acerca de todo este percurso é muito positivo, pois foi uma fase de grande crescimento pessoal e profissional que me proporcionou um confronto com todas as minhas dificuldades e limitações. Foi articulado o conhecimento teórico adquirido nas aulas com o prático facilitando o melhor conhecimento da realidade educativa.

As cinco experiências-chave aqui descritas são as que considero mais relevantes na minha aprendizagem e na aprendizagem das próprias crianças.

Desde que iniciei o meu estágio foi notório o bom ambiente entre toda a equipa educativa facto este que foi essencial para a minha integração, deixando-me sempre confiante na realização das atividades. A boa relação que desenvolvi com a minha colega de estágio também foi uma mais-valia para a minha formação, durante todo o meu percurso fomos trocando ideias, partilhando experiências e em conjunto organizamos várias estratégias contributivas para a aprendizagem das crianças.

Reconheço que aprendi muito com o que observei, conheci e vivenciei dentro do ambiente educativo, aceitando sempre todas as críticas e reconhecendo sempre alguns dos meus erros fazendo sempre de tudo para melhorar.

O desenvolvimento de um Trabalho de Projeto, metodologia esta que apenas conhecia teoricamente, foi um dos pontos altos de todo este meu percurso e que mais prazer me deu em realizar. Foi muito gratificante ver o nível de empenho que crianças mostraram durante toda a sua realização, e todas as aprendizagens que conseguiram adquirir. Todas contribuíram positivamente para a sua realização superando assim todas as minhas espetativas.

A investigação utilizando a Abordagem de Mosaico foi muito interessante pois deixámos que as crianças ganhassem voz própria, dando as suas opiniões e expressando os seus sentimentos. Mostraram ter vontade própria nunca tendo problemas em dizer “Gosto” e Não gosto”.

Resumindo, foi um período de grandes aprendizagens e também de muitos anseios que aos poucos foram sendo ultrapassados. Terminei este percurso sabendo que foi uma experiência verdadeiramente importante, mas que foi apenas o início de um longo caminho que ainda tenho para percorrer com muito ainda para aprender.

BIBLIOGRAFIA

- Abramovich, F, (1997). *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Bairo, A.F.O. (2006). *Organização das rotinas em Creche e Jardim-de-Infância*. Relatório de Estágio de Mestrado em Educação Pré- Escolar. Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal. 91pp.
- Brock. A., Dodds. S., Jarvis. P., Olugosa. Y. (2011). *Brincar: Aprendizagem para a vida*. Penso Editores. Porto Alegre.
- Correia, I., Silva, M. e Tamen, I. (2002). *Sistema de ensino em Portugal*. Fundação Caloust Gulbenkian. Lisboa.
- Centro de Estudos da criança .Universidade do Minho,Braga.Leitura e literatura infantil,ilustrações.
- Edwards, C.; Gandini, L.; Forman, G. (1999).*As cem linguagens da criança*. Artmed. Porto Alegre.
- Farinha, M.A. (2010). *Como usar a Literatura Infantil na sala de aula*. 5ª edição. Contexto. São Paulo.
- Ferreira, M. (2010). “- Ela é nossa prisioneira!” – *Questões teóricas, epistemológicas e éticometodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica*. Acedido em: 15-05-2015, em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524/1932>
- Gomes, B. (2010). *A importância do Brincar no desenvolvimento da criança*. Cadernos de Educação de Infância, nº 90.
- Hohman, M e Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Lilian, G. Katz, & Silvia, C. Chard. (1997). *A abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Lajolo, M. e Ziberman, R. (2007). *Leitura Infantil Brasileira- Histórias e Histórias*. Editora Atica. São Paulo.

Mateus, R. (2012). *Desenvolvimento motor na criança no contexto escolar. Estudo comparativo entre crianças do 1º CEB com distinta carga horaria de atividades físico-motoras orientadas.*” Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Castelo Branco- Escola Superior de Educação, Castelo Branco. 84pp.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica. Lisboa.

Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Coleção Infância. Porto Editora. Porto.

Oliveira-Formosinho, J., Gambôa, R. (2011). *O Trabalho de projeto na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância. Porto Editora. Porto

Piaget, J. (1979). *A psicologia da criança. Do nascimento à adolescência*. Moraes. Lisboa.

Rolin, A.A.M., Guerra, S.S.F. e Tassigny, M.M. (2008). *Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil*. Acedido em: 09-06-2015, em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf

Unicef.(1990). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Portugal

Vasconcelos, T (2005). *Manual de desenvolvimento para a Educação de Infância*. Texto Editores. Lisboa.

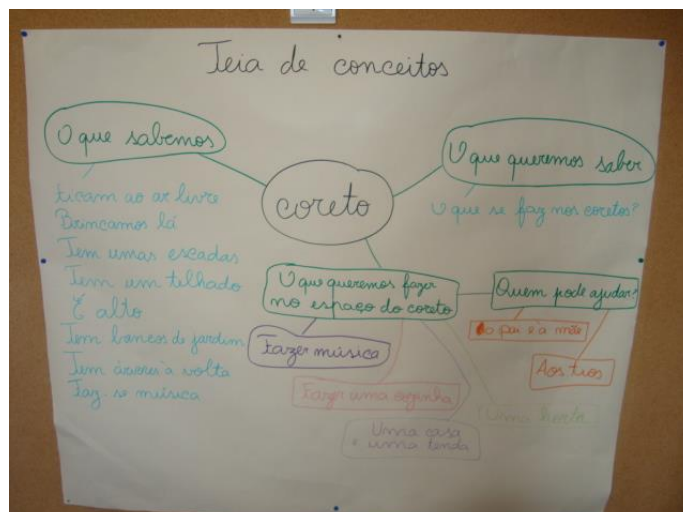
Veloso, R.M (2002). *Curtir a Literatura Infantil no Jardim-de-Infância. Leitura, Literatura Infantil e Ilustração-Investigação e Prática Docente*. Acedido em: 11-06-2015, em: http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_li_jardinf_rveloso_a.pdf

Webster-Stratton, V. (2013). *Os Anos Incríveis*. 3ª Edição Portuguesa.

Psiquilibros Edições. Braga

Apêndices

Apêndice 1 – Organização da teia de conceitos e apresentação de imagens de coretos às crianças



Apêndice 2 – Planificações das atividades do projeto

Jardim-de-infância: Educadora Cooperante: Grupo de crianças: 3anos Projeto: Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar - A Família					
Alunas Estagiárias: Maria de La Salette; Maria João Ventinhas Data: 19-03-2014 a 04-04-2014 Professora Supervisora: Professora Doutora Vera do Vale					
Atividades	Objetivo	Organização do grupo	Recursos Materiais	Competências	Avaliação
• Diálogo: Planificação da teia de conhecimentos sobre o coreto.	• Fomentar o diálogo.	• Grande grupo.	• Papel cenário, canetas de feltro de cores variadas.	• Ser capaz de esperar pela sua vez; • Ser capaz de se expressar; • Ser capaz de dialogar e comunicar com os outros.	• Observação direta.
• Grafismo do que gostavam de ter no espaço do coreto.	• Conseguir expressar-se através de diferentes registos.	• Pequeno grupo.	• Folhas de papel, canetas, lápis de cor.	• Ser capaz de se expressar de diferentes formas (registo gráfico)	• Observação direta e registo fotográfico.
• Diálogo com as crianças do grupo acerca da construção das figuras: exploração dos diferentes materiais.	• Fomentar o diálogo e o interesse m comunicar.	• Grande grupo.	• Diversos materiais de desperdício.	• Ser capaz de se expressar livremente; • Ser capaz de reconhecer a linguagem como forma de comunicação; • Aprender a reutilizar diversos materiais; • Ser capaz de respeitar a opinião dos outros.	• Observação direta e registo fotográfico.
	memorizando uma canção.			• Aprender a esperar pela sua vez; • Ser capaz de identificar elementos da família através de alguns atributos físicos; • Ser capaz de trabalhar em grupo.	
• Construção de uma história a partir das imagens da família realizadas em 3D.	• Construir histórias a partir de imagens.	• Grande Grupo	• Figuras em 3D, papel, caneta.	• Ser capaz de atribuir significados às imagens construídas anteriormente; • Ser capaz de reconhecer o género (feminino/masculino) a partir de atributos físicos; • Aprender a usar a imaginação; • Ser capaz de respeitar os colegas e as suas opiniões; • Ser capaz de apresentar ideias; • Ser capaz de recorrer às suas próprias vivências e atribuí-las às diferentes personagens.	• Observação direta e registo fotográfico.
• Elaboração de um cartaz de registo das várias fases do projeto da Família.	• Identificar as várias fases do projeto.	• Grande e pequeno grupo.	• Papel cenário, fotografias, marcador preto, cola, fita-cola.	• Ser capaz de identificar as várias fases do projeto/sequências temporais;	• Observação direta

• Construção de figuras humanas em 3D (dois adultos e uma criança) com recurso a materiais recicláveis.	• Reconhecer e identificar os elementos constituintes de uma família.	• Grande e pequeno grupo.	• Garrafas de plástico, garrações de plásticos, frascos de plástico, fita-cola, cola quente, tintas acrílicas, tampas de garrafas, botões, cápsulas de café, sacos de plástico, pacotes de leite, pedras, roupas.	• Ser capaz de reconhecer os vários elementos que constituem uma família; • Aprender a reutilizar materiais; • Ser capaz de conhecer as características, possibilidades, limitações e formas de utilização dos materiais empregues nas construções. • Ser capaz de desenvolver a ordenação harmoniosa e a composição no espaço tridimensional. • Ser capaz de trabalhar em grupo; • Ser capaz de reconhecer as partes constituintes do corpo humano; • Ser capaz de localizar as partes do corpo nos sítios corretos; • Ser capaz de identificar quantidades.	• Observação direta e registo fotográfico.
• Aprendizagem de uma canção sobre a família.	• Identificar os elementos constituintes de uma família,	• Grande Grupo.	• Papel cenário, para colar, cola	• Ser capaz de memorizar uma canção; • Ser capaz de associar imagens a palavras;	• Observação direta e registo fotográfico
				• Ser capaz de reconhecer, através de fotografias, o trabalho que estava a ser desenvolvido num determinado momento; • Aprender a partilhar os trabalhos realizados com a comunidade escolar; • Aprender a respeitar a opinião dos colegas.	

Jardim-de-infância: Educadora Cooperante: Grupo de crianças: 3anos Projeto: Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar - Canteiro aromático Alunas Estagiárias: Maria de La Salette; Maria João Ventinhas Data: 21-05-2014 a 23-05-2014 Professora Supervisora: Professora Doutora Vera do Vale					
Atividades	Objetivo	Organização do grupo	Recursos Materiais	Competências	Avaliação
• Diálogo com as crianças do grupo acerca do canteiro aromático – o que vamos plantar/semeiar; onde vamos plantar/semeiar; para que servem as plantas.	• Reconhecer a utilidade das plantas.	• Grande grupo.	• Plantas, sementes, garrações de plástico.	• Ser capaz de se expressar livremente; • Ser capaz de reconhecer a linguagem como forma de comunicação; • Ser capaz de reconhecer a utilidade das plantas; • Ser capaz de reconhecer as necessidades e cuidados para com as plantas; • Ser capaz de respeitar a opinião dos outros.	• Observação direta
• Pintar os garrações que servirão de vasos.	• Reutilizar/Reaproveitar materiais de desperdício.	• Pequeno grupo.	• Garrações de plásticos, tintas acrílicas, sprays de cor.	• Ser capaz de se exprimir plasticamente por meio da cor;	• Observação direta e registo fotográfico.
• Plantar/semeiar plantas aromáticas.	• Reconhecer os elementos necessários para o crescimento das plantas.	• Grande grupo.	• Garrações, plantas diversas, sementes, terra, água.	• Ser capaz de reaproveitar materiais. • Ser capaz de reconhecer a utilidade das plantas; • Ser capaz de reconhecer as necessidades e cuidados para com as plantas; • Ser capaz de adquirir valores e atitudes que permitam tomarem-se cidadãos conscientes. • Aprender a respeitar a natureza e o ambiente.	• Registo fotográfico.
• Elaboração de cartões de identificação das plantas aromáticas.	• Reconhecer a escrita e o desenho como forma de comunicação.	• Pequeno grupo.	• Papel cavalinho, lápis de carvão, lápis de cor, marcadores, papel de plastificar, palitos.	• Ser capaz de produzir mensagens gráficas; • Ser capaz de desenvolver a orientação espacial.	• Registo fotográfico.

Jardim-de-infância: Educadora Cooperante: Grupo de crianças: 3anos Projeto: Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar - Cozinha no coreto			Alunas Estagiárias: Maria de La Salette; Maria João Ventinhas Data: 14-05-2014 a 16-05-2014 Professora Supervisora: Professora Doutora Vera do Vale		
Atividades	Objetivo	Organização do grupo	Recursos Materiais	Competências	Avaliação
• Diálogo com as crianças acerca da cozinha que gostavam de ter no espaço envolvente ao coreto.	• Fomentar o diálogo e a capacidade de se exprimir.	• Grande grupo.		• Ser capaz de se expressar livremente; • Ser capaz de reconhecer a linguagem como forma de comunicação; • Ser capaz de respeitar a opinião dos outros.	• Observação direta
• Grafismo da cozinha do coreto e do utensílio de cozinha que cada criança vai trazer de casa.	• Conseguir expressar-se através de diferentes registos.	• Pequeno grupo.	• Folhas de papel, canetas, lápis de cor.	• Ser capaz de se expressar de diferentes formas (registo gráfico).	• Observação direta e registo fotográfico.
• Formar conjuntos com os utensílios de cozinha trazidos pelas crianças.	• Reconhecer, formar e representar conjuntos.	• Grande grupo.	• Utensílios de cozinha (e.g., talheres, pratos,	• Ser capaz de formar conjuntos através das propriedades físicas de objetos;	• Observação direta e registo fotográfico.
• Leitura da história "O coelhinho Branco" no Coreto.	• Desenvolver o gosto pela leitura.	• Grande grupo.	• Livros.	• Ser capaz de realizar contagens. • Ser capaz de estar com atenção e escutar; • Ser capaz de compreender textos; • Ser capaz de adquirir novo vocabulário.	• Registo fotográfico.
• Grafismo da história "O coelhinho Branco".	• Conseguir expressar-se através de diferentes registos.	• Pequeno grupo.	• Folhas de papel cavalinho de tamanho A4, marcadores, lápis de cor.	• Ser capaz de se expressar de diferentes formas (registo gráfico).	• Registo fotográfico e observação direta.
• Elaboração da receita do caldinho do Coelhinho Branco/ grafismo dos ingredientes.	• Reconhecer ingredientes culinários.	• Grande grupo.	• Folhas de papel cavalinho de tamanho A4, lápis de cor.	• Ser capaz de se exprimir livremente; • Ser capaz de reconhecer elementos constituintes de uma sopa; • Ser capaz de identificar quantidades; • Ser capaz de reconhecer a importância da ingestão de sopa na nossa alimentação.	• Registo fotográfico e observação direta.

• Confeção do caldinho.	• Estabelecer contacto com a cozinha e aprender a fazer um caldinho.	• Grande grupo.	• Ingredientes (e.g., batata, cenoura, cebola, alho francês, abóbora, feijão...), água, panela.	• Ser capaz de reconhecer elementos constituintes de uma sopa.	• Registo fotográfico e observação direta.
• Confeção de bolachinhas de manteiga.	• Estabelecer contacto com a cozinha e aprender a manusear diferentes objetos.	• Pequeno grupo.	• Ingredientes (e.g., ovos, farinha, manteiga, açúcar); formas, tabuleiros.	• Ser capaz de reconhecer ingredientes; • Ser capaz de identificar quantidades; • Ser capaz de nomear e manusear diferentes materiais e utensílios.	• Registo fotográfico e observação direta.

Jardim-de-infância: Educadora Cooperante: Grupo de crianças: 3anos Projeto: Espaço Exterior: reciclar, recriar e transformar - Casa e instrumentos musicais					
			Alunas Estagiárias: Maria de La Salete; Maria João Ventinhas Data: 02-04-2014 a 23-05-2014 Professora Supervisora: Professora Doutora Vera do Vale		
Atividades	Objetivo	Organização do grupo	Recursos Materiais	Competências	Avaliação
• Diálogo com as crianças do grupo acerca da construção da casa: exploração dos diferentes materiais.	• Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar.	• Grande grupo.	• Diversos materiais de desperdício.	• Ser capaz de se expressar livremente; • Ser capaz de reconhecer a linguagem como forma de comunicação; • Aprender a reutilizar diversos materiais; • Ser capaz de respeitar a opinião dos outros.	• Observação direta e registo fotográfico.
• Grafismo da casa.	• Conseguir expressar-se através de diferentes registos.	• Pequeno grupo.	• Folhas de papel, canetas, lápis de cor.	• Ser capaz de se expressar de diferentes formas (registo gráfico).	• Observação direta e registo fotográfico.
• Construção da casa 3D com recurso a materiais recicláveis.	• Reconhecer a casa como um local familiar.	• Pequeno grupo.	• Pacotes de leite, cola quente, pistola de cola quente, fita-cola, fita adesiva, jornal, revista, garrafas de plástico, placas de cartão.	• Aprender a reutilizar materiais; • Ser capaz de conhecer as características, possibilidades, limitações e formas de utilização dos materiais empregues nas construções. • Ser capaz de desenvolver a ordenação harmoniosa e a composição no espaço tridimensional. • Ser capaz de trabalhar em grupo; • Ser capaz de reconhecer as partes que constituem uma casa. • Ser capaz de identificar quantidades.	• Registo fotográfico.
• Diálogo com as crianças acerca do número de porta e o nome da rua: elaboração de placas identificativas.	• Reconhecer que todas as casas têm que ter um número associado e uma rua.	• Grande grupo.	• Tintas acrílicas, placas de cartão, caneta de tinta permanente preta.	• Ser capaz de produzir mensagens gráficas; • Ser capaz de desenvolver a orientação espacial; • Ser capaz de identificar quantidades.	• Registo fotográfico.

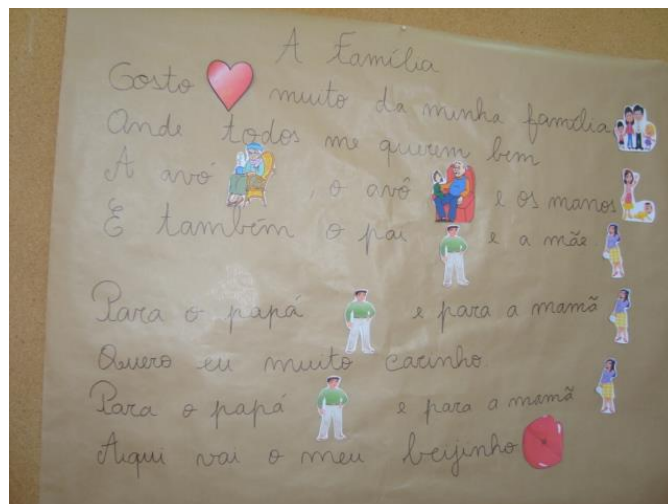
•Elaboração das cortinas para colocar nas janelas da casa.	•Identificar elementos de adorno das habitações.	• Pequeno grupo.	• Sacos de plástico de cor, canetas de acetato, agraphador, fita-cola.	• Ser capaz de se expressar de diferentes formas (registo gráfico); • Ser capaz de identificar formas geométricas; • Aprender a reutilizar materiais de desperdício; • Ser capaz de identificar quantidades.	• Registo fotográfico.
• Construção de instrumentos musicais.	• Conhecer diferentes instrumentos musicais.	• Grande grupo.	• Materiais de desperdício (e.g., garrafas e garrações de plásticos, copos de iogurte, frascos de plástico...).	• Ser capaz de identificar nomes e sons de alguns instrumentos musicais; • Aprender a exprimir-se musicalmente através de instrumentos musicais.	• Registo fotográfico e observação direta.

Apêndice 4 – Construção dos bonecos representativos da Família





Apêndice 4 – Canção da Família



Apêndice 5 – História elaborada pelas crianças

A mãe chama-se Maria, o pai chama-se Pedro e o filho Zé Miguel.

A mãe trabalha numa loja de pizzas.

O pai trabalha na escolinha, é professor.

O filho vai para a escolinha, as vezes vem para esta escola com o pai e com a mãe.

Quando sai da escolinha vai com os pais passear. Vão ao circo, ao parque subir as escadas, andar de triciclo e de baloiço que gosta muito.

O zé Miguel gosta de comer sopa, carne, arroz e cenoura. Gosta também de tomar banho.

A mãe é magrinha e come pouco. O pai gosta de comer carne e sopa com couves.

Eles vivem numa casa grande que tem brinquedos e é em Coimbra.

Apêndice 6- Casa feita com pacotes de leite e construção dos instrumentos musicais



Apêndice 7- Canteiro aromático



Apêndice 8 – Confeção do “caldinho”



Apêndice 9- Convites para a divulgação do projeto

Exmo. (s) Pais,

No próximo dia 4 de junho (quarta feira), pelas 17 horas, realizar-se-á no Jardim de Infância a divulgação do projeto “Eu e a família”, desenvolvido com as crianças da sala dos 3 anos. Deste modo, gostaríamos de convidá-los a comparecerem e assistirem a uma breve exposição dos trabalhos realizados.

Agradecemos, desde já, a vossa disponibilidade e colaboração.
Os melhores cumprimentos.

Maria João Ventinhas

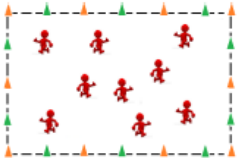
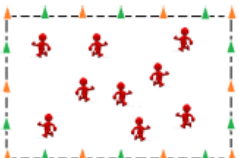
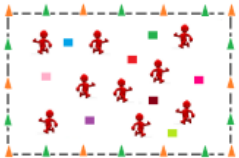
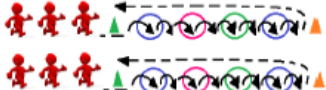
Salete Quintas

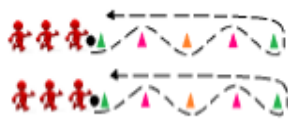
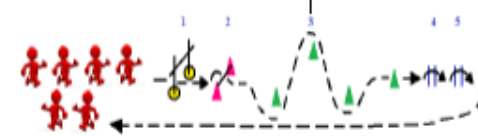
Coimbra, 29 de maio de 2014

Apêndice 9- Planificações das atividades de ginástica

SUBDOMÍNIO (S)	CONTEÚDOS	SALA	SESSÃO	DATA
Deslocamentos e equilíbrios; Perícia e Manipulação: Jogos;	Locomotores; não locomotores; Ritmos; Consciência Corporal e Espacial; Perícias e Manipulação; Desafios com Arcos e Bolas; Jogos Cooperativos, de Grupo e Consciência Espacial	3 anos	1	13 de março 2014

OBJETIVO (S)	RECURSOS MATERIAIS
Ações motoras básicas de deslocamento e com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos; Participar nos jogos propostos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo.	Cones, cones com bastões, folhas de musgami, bolas, arcos, bastões de esponja.

Tempo		Descrição Situações de Aprendizagem	Organização	Material
Total	Parc.			
Inicial				
3'	3'	☞ Conversa inicial com as crianças sobre os conteúdos e objetivos da sessão e espaço disponível para a mesma.	☞ As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si. 	
10'	7'	Aquecimento Específico ☞ Jogo dos códigos "1, 2, 3" As crianças deslocam-se pelo espaço disponível, realizando ações determinadas pelas Estagiárias e correspondentes aos códigos apresentados: 1 – Corrida lenta pelo espaço; 2 – Estátua; 3 – Carapaça.	☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones. 	☞ Cones (▲)
10 min.				
Fundamental				
15'	5'	☞ Jogo do Gigante Minguante As crianças deslocam-se pelo espaço disponível, realizando ações determinadas pelas Estagiárias/Educadora: - Gigante – pernas afastadas, braços afastados e palmas das mãos, boca e olhos bem abertos; - Minguante – colam os braços ao corpo com os punhos bem apertados, juntam as pernas, dobram o tronco e mantêm a boca e olhos bem fechados.	☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones. 	☞ Cones (▲)
20'	5'	☞ Jogo das Folhas Coloridas - <u>Situação 1</u> : Jogo estático em que cada criança segura com as duas mãos uma folha de musgami e realiza ações orientadas: cima, frente, trás, baixo, etc. - <u>Situação 2</u> : Dispõe-se menos uma folha de musgami que o número de crianças. Estas deslocam-se em corrida lenta pelo espaço e ao apito têm que saltar para cima de uma das folhas. Quem não conseguir uma folha realiza 5 saltos de canguru.	☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones. 	☞ Cones (▲) ☞ Folhas de Musgami (■)
23'	3'	Trabalho por Estações ☞ Estação 1 - O grupo de seis crianças subdivide-se em dois grupos de 3 elementos e realizam alternadamente saltos bipedais e monopodais sob e entre os arcos, respetivamente.	☞ Em três grupos de aproximadamente seis crianças, distribuem-se pelas respetivas estações e realizam as atividades propostas. Estação 1 	☞ Cones (▲) ☞ Arcos (○)

26'	3'	🏹 Estação 2 - O grupo de seis crianças subdivide-se em dois grupos de 3 elementos e realizam alternadamente condução de bola, com as mãos, entre cones. O regresso ao ponto de partida é feito com a bola nas mãos. Nesse momento executa passe para o colega seguinte e assim sucessivamente.	Estação 2 	🏹 Cones (▲) 🏹 Bola (●)
29'	3'	🏹 Estação 3 As crianças, alternadamente, realizam as ações determinadas para cada tarefa da estação: 1 – Passar por baixo dos cones com bastões; 2 – Saltar obstáculo a pés juntos; 3 – Contornar cones em "serpente"; 4 – Salto monopodal (pé direito); 5 – Salto monopodal (pé esquerdo).	Estação 3 	🏹 Cones com bastões (●) 🏹 Cones (▲) 🏹 Bastões de esponja ()
29 min.				
Final		🏹 Retorno à Calma As crianças realizam alguns exercícios que visam o relaxamento e alongamento muscular: - Exercícios de respiração; - Braços (anjo na neve); - Rodar tronco e manter; - Tocar nos joelhos (sem fletir pernas); - Tocar nos pés (sem fletir pernas); - Inverter até ao ponto inicial da sequência.	🏹 As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si. 	🏹 Cones (▲)
35'	6'			
35 min.				

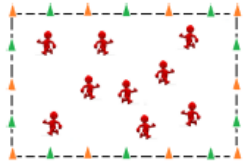
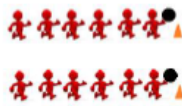
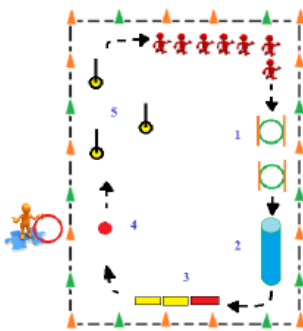
SUBDOMÍNIO (S)	CONTEÚDOS	SALA	SESSÃO	DATA
Deslocamentos e equilíbrios Perícia e Manipulação Jogos	Locomotores; não locomotores; Ritmos; Consciência Corporal e Espacial; Perícias e Manipulação; Desafios com Arcos e Bolas; Jogos Cooperativos, de Grupo e Consciência Espacial	3 anos	2	20 de março 2014

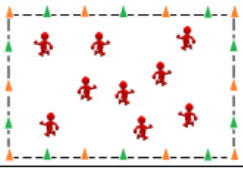
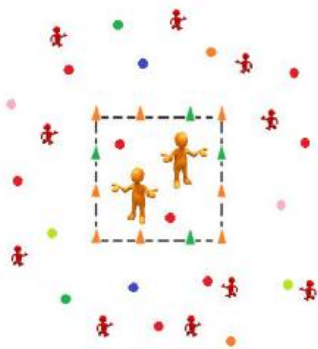
OBJETIVO (S)	RECURSOS MATERIAIS
Ações motoras básicas de deslocamento e com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos; Participar nos jogos propostos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo.	Cones, folhas de musgami, bolas, arcos, bastões de esponja, túnel, blocos.

Tempo	Descrição	Organização	Material
Total Parc.	Situações de Aprendizagem		
Inicial			
3'	3'	As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si.	
10'	7'	As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones.	Cones (▲) Folhas de Musgami (■)
10 min			
Fundamental			
20'	10'	As crianças dispõem-se organizadas em fila.	Cones (▲) Bastões de esponja () Túnel (—) Blocos (■) Bola (●) Arcos (○)
20 min.			
Final			
25'	5'	As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si.	Cones (▲)
25 min.			

SUBDOMÍNIO (S)	CONTEÚDOS	SALA	SESSÃO	DATA
Deslocamentos e equilíbrios Perícia e Manipulação Jogos	Locomotores; não locomotores; Ritmos; Consciência Corporal e Espacial; Perícias e Manipulação; Desafios com Arcos e Bolas; Jogos Cooperativos, de Grupo e Consciência Espacial	3 anos	3	27 de março 2014

OBJETIVO (S)	RECURSOS MATERIAIS
Ações motoras básicas de deslocamento e com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos; Participar nos jogos propostos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo.	Cones, bolas, arcos, túnel, blocos, cones com bastões, lenço.

Tempo		Descrição		Organização	Material
Total	Parc.	Situações de Aprendizagem			
Inicial		☞ Conversa inicial com as crianças sobre os conteúdos e objetivos da sessão e espaço disponível para a mesma. Aquecimento Específico ☞ Jogo do Gigante Mingunte As crianças deslocam-se pelo espaço disponível, realizando ações determinadas pelas Estagiárias/Educadora (E): - Gigante – pernas afastadas, braços afastados e palmas das mãos, boca e olhos bem abertos; - Mingunte – colam os braços ao corpo com os punhos bem apertados, juntam as pernas, dobram o tronco e mantêm a boca e olhos bem fechados.		☞ As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si. 	
3'	3'				
10'	7'			☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones. 	☞ Cones (▲)
10 min.					
Fundamental		☞ Jogo de Cooperação Grupal - O grupo de crianças subdivide-se em dois subgrupos cooperando entre si para chegar ao segundo cone. A situação de aprendizagem consiste em passar a bola para trás entre pernas e assim sucessivamente até ao último elemento da fila. Este, assim que recebe a bola, corre para a frente da fila e reinicia a ação. Trabalho em Circuito ☞ Circuito Multidisciplinar (5 min no sentido do ponteiro do relógio e 5 min no sentido inverso) As crianças, alternadamente, realizam as ações determinadas para cada tarefa do circuito: 1 – Saltar a pés juntos para dentro dos arcos que se encontram suspensos e apoiados em bastões; 2 – Rastejar para atravessar o túnel; 3 – Realizar equilíbrio por cima dos blocos; 4 – Tentar acertar com a bola no arco segurado pela Estagiária; 5 – Slalom entre cones.		☞ As crianças dispõem-se organizadas em duas filas.  ☞ As crianças dispõem-se organizadas em fila. 	☞ Cones (▲) ☞ Bolas (●) ☞ Cones (▲) ☞ Arcos (○) ☞ Túnel (—) ☞ Blocos (■) ☞ Bola (●) ☞ Cones com bastões (●)
15'	5'				
25'	10'				
25 min.					
Final		☞ Retorno à Calma Jogo adaptado do lencinho: As crianças realizam alguns exercícios que visam o relaxamento e alongamento muscular, realizando o jogo do lencinho.		☞ As crianças dispõem-se sentadas em círculo. 	☞ Cones (▲) ☞ Lenço
30'	5'				
30 min.					

SUBDOMÍNIO (S)		CONTEÚDOS	SALA	SESSÃO	DATA
Deslocamentos e equilíbrios Perícia e Manipulação Jogos		Locomotores; não locomotores; Ritmos; Consciência Corporal e Espacial; Perícias e Manipulação; Desafios com Arcos e Bolas; Jogos Cooperativos, de Grupo e Consciência Espacial	3 anos	4	08 de maio 2014
OBJETIVO (S)				RECURSOS MATERIAIS	
Ações motoras básicas de deslocamento e com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos; Participar nos jogos propostos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo.				Cones, bolas.	
Tempo		Descrição Situações de Aprendizagem	Organização	Material	
Total	Parc.				
Inicial		☞ Conversa inicial com as crianças sobre os conteúdos e objetivos da sessão e espaço disponível para a mesma. Aquecimento Específico ☞ Jogo dos códigos "1, 2, 3" As crianças deslocam-se pelo espaço disponível, realizando ações determinadas pelas Estagiárias e correspondentes aos códigos apresentados: 1 – Corrida lenta pelo espaço; 2 – Estátua; 3 – Carapaça.	☞ As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si.  ☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço delimitado por cones. 	☞ Cones (▲)	
3'	3'				
10'	7'				
10 min.					
Fundamental		☞ Jogo de Cooperação Grupal Jogo da "Casa Arrumada" - As Estagiárias encontram-se dentro da "casa" (quadrado de cones) tendo como objetivo desarrumar a casa, atirando todas as bolas para fora do quadrado. As crianças, por sua vez, procuram recolher as bolas e colocá-las dentro da "casa".	☞ As crianças dispõem-se livremente pelo espaço. 	☞ Cones (▲) ☞ Bolas (●)	
20'	10'				
20 min.					
Final		☞ Retorno à Calma Jogo do Espelho: As crianças realizam alguns exercícios que visam o relaxamento e alongamento muscular, imitando todos os movimentos realizados pela (s) estagiária (s).	☞ As crianças dispõem-se em xadrez de frente para a (s) estagiária (s), afastados entre si. 	☞ Cones (▲)	
25'	5'				
25 min.					

Apêndice 10 – Entrevistas

	João
O que mais gostas no JI?	Gosto de às vezes fazer puzzles na escola. Gosto de brincar e fazer coisas. Eu prefiro sempre brincar com os legos. Eu gosto muito de vir para a escola e gosto de cá dormir.
O que menos gostas na escola?	Não gosto de fazer os pacotes de leite, não me apetece às vezes e não gosto muito do sol porque bate-me nos olhos e queima
Onde é o teu lugar favorito no JI?	Na escola gosto mais da sala das cores porque tem brinquedos.”
Qual o amigo que gostas mais?	Gosto do Eduardo porque ele trás livros e filmes mas também gosto do Tomás e do Diogo, gosto de brincar aos legos com eles.
Qual foi a melhor coisa que tu já fizeste aqui no JI?	Na escola gostei de comer batatas fritas, já comi uma vez e gostei de pintar os nomes das flores aromáticas.
Qual é o momento do dia que tu mais gostas?	Gosto que a Filipa leia livros e com a Graça gosto de fazer desenhos.
O que gostavas que o JI tivesse que ainda não tem?	Eu queria que a escola tivesse mais legos para brincar, legos grandes.
Qual o adulto que mais gostas no JI?	Na escola gosto mais da Graça porque ela ensina a fazer desenhos.
O que é que achas que os adultos fazem no JI?	A Filipa e a Graça trabalham cá na escola para nós não ficarmos sozinhos.”
Qual é o momento do dia que tu mais gostas?	Quando vou brincar com os legos.

	Maria
O que mais gostas no JI?	Gosto de tudo, mas gosto mais de brincar com os jogos.
O que menos gostas na escola?	Da Joana porque ela não gosta de mim. Ela picou-me com o garfo.
Onde é o teu lugar favorito no JI?	Na escola gosto mais da sala das cores porque tem brinquedos.”
Qual o amigo que gostas mais?	O Eduardo, o Simão, o Naim, a Benedita e o Leandro.
Qual foi a melhor coisa que tu já fizeste aqui no JI?	Foi brincar na cozinha que fizemos no Coreto.
Qual é o momento do dia que tu mais gostas?	É quando vou para a rua brincar nos baloiços
O que gostavas que o JI tivesse que ainda não tem?	Eu gosto de tudo o que a escola tem.
Qual o adulto que mais gostas no JI?	Gosto da Graça porque ela brinca muito connosco e a Filipa conta-nos histórias.
O que é que achas que os adultos fazem no JI?	Não sei, não faço nenhuma ideia.
Qual é o momento do dia que tu mais gostas?	É quando vou para a rua brincar nos baloiços.

Questões /Intervenientes	Mãe do João
O seu filho gosta de vir a escola?	Agora gosta, no início não. Agora pede para vir, já é diferente.
Como acha que seria um bom dia para o seu filho no JI?	O dia ideal para o meu filho seria com os pais cá.
E um dia menos bom?	Seria vir contrariado para a escola, algumas vezes quer ficar em casa dos avós, mas em geral gosta de vir para a escola.
Que momento acha que o seu filho mais gostou de passar aqui no JI?	Penso que gostou especialmente do dia de hoje porque eu estive cá, teve um dia muito feliz.
Quais julga serem as atividades que ele mais gosta?	Brincar com legos e fazer construções.
O que é que o seu filho costuma contar em casa sobre o JI?	Costuma contar acerca das atividades que faz e de como lhe correu o dia.
O que acha que o seu filho sente sobre o JI?	Gosta muito de vir para cá pois é onde tem os amiguinhos que mais gosta.

Questões /Intervenientes	Mãe da Maria
O que é que a sua filha costuma contar em casa sobre o JI?	Fala das atividades que fazem, das músicas que aprendem. Fala das Educadoras todas. Que fez amiguinhos, que uns gosta e outros não.
Quais julga serem as atividades que ela mais gosta?	Pintar não gosta muito. Gosta de brincar na cozinha do coreto e de fazer puzzles. Gosta de tudo o que forem atividades no exterior. Gosta também muito do faz de conta, de se vestir com os vestidos da escolinha.
O que acha que a sua filha sente sobre o JI?	Ela gosta bastante, mas o início foi difícil porque sempre esteve com uma ama.
O que acha que a sua filha julga vir fazer	Vem aprender e brincar com os amiguinhos.

para o JI?	
Como acha que seria um bom dia para a sua filha no JI?	É, sem dúvida, um dia com sol, que possa brincar na rua e comer amoras.
E um dia menos bom?	É estar fechada na sala. Mas nunca notei que ela tivesse um mau dia.
Que momento acha que a sua filha mais gostou de passar aqui no JI?	Gostou muito da festa da família e do carnaval. Suponho que hoje também deve ter adorado a festa da divulgação do projeto, mas eu não pude estar presente.

Questões /Intervenientes	Educadora
O que é que o João acha sobre o JI?	O JI para o João é um local de encontro com os amigos, um lugar para brincar.
Como seria um bom dia para o João aqui no JI?	Um bom dia para o João no JI é um dia em que possa brincar com os amigos, possa brincar nos jogos, no exterior: nos baloiços e nos triciclos.
E um dia menos bom?	Um mau dia é um dia em que os amigos não estejam presentes, um dia em que tenha que cumprir atividades; desenhar.
Que tipo de dia pensa que o João teve hoje?	Penso que teve um bom dia.
Quem é a pessoa que o João mais gosta no JI?	Penso que gosta da Educadora, da Graça, do Tomás e do Diogo.
Qual o tipo de atividades que o João mais gosta?	O João gosta de fazer construções, ouvir histórias, pintar e conversar sobre diversos temas.

Questões /Intervenientes	Educadora
O que é que a Maria acha sobre o JI?	O JI para a Maria é um lugar fantástico, onde gosta de estar, um lugar onde gosta de realizar atividades e de brincar. Gosta de brincar e trabalhar no JI.
Como seria um bom dia para a Maria aqui no JI?	Um bom dia para a Maria é um dia em que possa dar e receber mimo, em que possa conversar, em que possa participar em diversas atividades, que tenha oportunidade de fazer o que gosta.
E um dia menos bom?	Um dia mau é um dia em que não faça nada.
Que tipo de dia pensa que a Maria teve hoje?	Penso que teve um ótimo dia.
Quem é a pessoa que a Maria mais gosta no JI?	Penso que gosta da Educadora, da auxiliar, do Simão, da Benedita, da Joana, da Júlia e da Sofia.
Qual o tipo de atividades que a Maria mais gosta?	Gosta de brincar nos cantinhos, no exterior, gosta de apanhar e comer amoras, gosta de fazer jogos, de pintar, de desenhar, de modelar. Gosta de todo o tipo de atividades: dirigidas ou de “escolha própria”.

Questões /Intervenientes	Auxiliar
O que é que o João acha sobre o JI?	Gosta de vir a escola mas não participa de todas as atividades com o mesmo gosto
Como seria um bom dia para o João aqui no JI?	Brincar com os amigos que é o que ele mais gosta de fazer.”
E um dia menos bom?	Desentender-se com os amigos e ser contrariado.
Que tipo de dia pensa que o João teve hoje?	Teve um dia feliz porque teve cá a mãe. Teve ciúme quando alguém se aproximava da mãe mas foi bom poder partilhar a atenção da mãe com os outros meninos visto ter uma grande cumplicidade com a mãe, foi um dia sem birras.
Quem é a pessoa que o João mais gosta no JI?	De adultos gosta de toda a gente, de crianças do Salvador e do Francisco.
Qual o tipo de atividades que o João mais gosta?	Percurso de motricidade, atividades ao ar livre.

	Auxiliar
O que é que a Maria acha sobre o JI?	A X gosta do JI. É feliz participativa. Adaptou-se bem.”
Como seria um bom dia para a Maria aqui no JI?	Seria um dia a brincar com os amigos a partilhar.
E um dia menos bom?	Quando não faz o que quer ou é contrariada.
Que tipo de dia pensa que a Maria teve hoje?	Foi um bom dia pela positiva, partilhou uma nova experiencia foi uma dia gratificante para ela.
Quem é a pessoa que a Maria mais gosta no JI?	Manifesta carinho por toda a gente.”
Qual o tipo de atividades que a Maria mais gosta?	Ela adapta-se a tudo mas talvez as atividades ao ar livre.

